



AQUI, LISBOA!

Amuncia-se a criação do Serviço Nacional de Saúde para a satisfação das necessidades mais elementares das populações no campo médico. Preocupados como estamos com a existência de estruturas capazes em ordem a libertar os homens das servidões que os inibem dos voos a que foram chamados, não podemos deixar de saudar as intenções que presidiram a tal decisão. Simplesmente, em nosso entender, para lá de outras, três coisas fundamentais há que pôr, desde já, em evidência, por condicionantes do objectivo proposto. A primeira diz respeito à vantagem da coexistência da medicina privada com a oficial, sem concorrências deletérias, antes numa perspectiva convergente; a segunda, salvo a devida atenção, refere-se à exigência do repúdio pelo modelo que nos é oferecido pelas actuais Caixas. Nos exemplos em vigor na Europa, momente em Inglaterra e na Alemanha, sem

alienar a nossa própria especificidade, poder-se-ão, certamente, encontrar sugestões. O terceiro aspecto, e não menos importante, abarca a exigência de profundo pragmatismo no lançamento e planificação das medidas concernentes ao fim em vista. Um S. N. S. completo e eficaz não pode nascer de um dia para o outro. Mais vale um plano modesto, por parco, embora progressivo, do que um edifício utópico, gigantesco, sem bases sólidas e irrealista. De resto, os recursos financeiros e técnicos disponíveis, materiais e humanos, são demasiadamente pobres para que se possa pensar em soluções óptimas. Pensar de maneira contrária será procurar o fracasso.

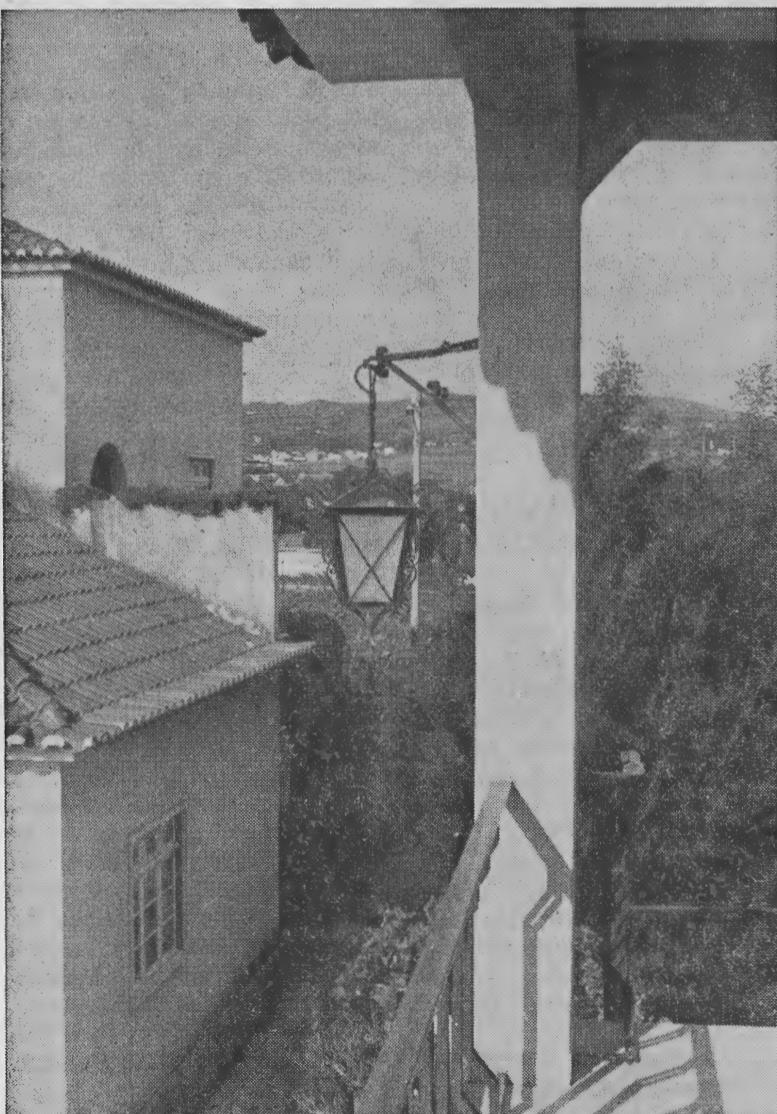
As Caixas que temos estão longe de satisfazer os interesses gerais. Para lá das exceções, sempre presentes, parece-nos haver pouco ideal nas pessoas que as servem. As consultas são muitas vezes feitas a correr e as visitas do-

miciliárias, quando possíveis, ficam muito aquém do que seria desejável. Há mesmo casos absolutamente inconcebíveis, de desinteresse e de desleixo. A falta de quadros e de pessoal especializado atinge a penúria e, se não fora o recurso ao sector privado, onde este exista, ainda seria pior. A resolução dos casos urgentes, por falta de pessoal e de outros recursos, cria as situações mais trágicas. Marcar uma consulta, realizar um tratamento, tirar uma chapa ou recorrer a um especialista, é tarefa, não raro, difícil, com meses de espera, com tanta demora que mais valeria, às vezes, tratar do funeral...

Do caos existente sofrem as pessoas e o País vê malbaratados os seus já escassos meios. Queixam-se os médicos e enfermeiros, protestam os doentes e aborrecem-se os restantes funcionários. A visão é correntemente infernal. Recorre-se às Caixas e como estas não dão as respostas adequadas vai-se, quando isso é possível, aos hospitais, para logo a seguir, se viável, recorrer às clínicas privadas. Quer dizer, multiplicidade de receitas e de outros gastos, num esbanjamento de dinheiro e de tempo que, às vezes, têm os mesmos intervenientes.

Não admira que ante o espetáculo observado se crie

Cont. na 3.ª pág.



Uma vista da Casa do Gaiato de Lisboa

Auto-construção

As entidades locais da Guarda, intérpretes das carências de portugueses do interior, propuseram ao Ministro da Habitação e Obras Públicas — lemos num jornal do Porto — que se avance com uma política concreta de promoção e ajuda à Auto-Construção.

Ficámos contentes com a atitude daqueles homens da Beira Alta. E mais contentes, ainda, pela sua oportunidade.

O Auto-construtor, normalmente, é um homem que arrisca tudo quanto tem, a sua força de trabalho — da família, dos amigos, dos vizinhos — até ao heroísmo.

Nem sempre vai à banca por falta de capacidade. Estamos convencidos que parte deles, no interior do País, ainda desconhecem a possibilidade de solicitarem os necessários investimentos-bonificados até ver. Ou, se conhecem, sentem-se bloqueados pela trama burocrática! De maneira que fazem uso, apenas, do seu pequeno pé-de-mela ou de empréstimos particulares a juros mais do que proibitivos. Quando não acontece atingirem o círculo do heroísmo — pressionados pela carência de alojamento — e decidem levantar a sua casa, a longo prazo, escudados unicamente, para os materiais, no que tiram diariamente à sua boca e à dos seus!

Na actual fase da vida do País e do mundo, o Auto-construtor deveria merecer um cuidado especialíssimo a todos os gestores da Administração Pública, todos! — até pelo consignado na letra da Constituição do País — como um investidor nacional dos mais rendíveis.

O responsável pelo departamento oficial de construções da zona da grande Lisboa afirmou recentemente a um vespertino lisboeta que o País necessita actualmente de qualquer coisa como 600.000 fogos!! Esta entidade chegou à conclusão, lógica, de que o problema habitacional lisboeta só terá solução viável desde que se fomente a construção de moradias no interior do País (criando-se polos de desenvolvimento regional, de que temos estado muito a feste...) de maneira a estancar as migrações internas.

Ainda agora (o caso passou por nossas mãos) uma pobre Viúva que tem algum dinheiro (muito pouco), oferecido pelo Povo, e mão d'obra de vizinhos e familiares, ansiosa por ver sua humilde casa reconstruída no essencial — «eu q'ria morrer em minha casa!» — tantas foram as complicações e exigências oficiais — para quem não tem o indispensável para subsistir, pior

Continua na TERCEIRA página

FESTAS

Esperámos o correio. Coimbra, capital festiva para este ano, não deu sinal. E com justificação: ontem estrearam em Miranda; e à hora em que escrevo estarão preparando na Mealhada.

Amanhã é feriado. Dia 1 volta a ser. Uma desgraça para quem trabalha! A feitura do jornal e a nossa vida de tantos instrumentos a tocar, não

se compadece. Esta música é feita mais de notas do que de pausas. É o compor e imprimir trinta e muitos mil jornais. É o dobrar, endereçar e expedir. Correios e transportes são fiéis cumpridores da ferialidade legal. Há, pois, que improvisar esta «abertura» ao cartaz das Festas enquanto as Comunidades de Coimbra e do Tojal dão o corpinho ao ma-

nifesto na realização e nos ensaios dos seus espectáculos.

Ontem os vendedores de O GAIATO no grande-Porto trouxeram encomendas de bilhetes e queixas pesarosas por não haver «matinée» no Coliseu. São a 1.ª e a 3.ª idades, impedidas de sair à noite, protestando o seu **infotúnio**. Para

Cont. na 4.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

PENSÃO SOCIAL — As pensões requeridas por nossa mão — que a maior parte dos requerentes são analfabetos — continuam num impasse!

Há dias, lemos que o Orçamento Geral do Estado, para o ano corrente, prevê, salvo erro, a concessão de 100.000 deferimentos. Deus permita que sim! É um acto de Justiça para muita gente que trabalhou uma vida inteira sem benefícios do Seguro Social.

No decorrer destes longos meses de espera já se apoderou a desilusão no seio dos requerentes — marginalizados que foram durante tantos anos.

Não se deve prometer aos Pobres, de ânimo leve, seja o que for. É coisa que os políticos não entendem! Mas têm sempre formas ou motivos de darem o dito por não dito. O caso das Viúvas foi a prova mais recente. Atenderam a maioria e a minoria — mais necessitada — continuará, até ao cemitério, de mãos a abanar!

PARTILHA — A presença habitual dos «Amigos de D. António Barroso»: 20\$00. Um sobreescrito entregue no Lar do Gaiato, do Porto, com 500\$00. Mais um donativo do assinante 1174. E 500\$00 da assinante 13519, por intermédio do Espelho da Moda. Loures com 200\$00. Assinante 23506, de Tuíras, 50\$00 «em sufrágio da alma de meu marido». Mais 100\$00 do assinante 13305, de Vila Nova de Gaia. Rua da Lapa, Lisboa, idem. Ainda de Lisboa o habitual vale do correio, agora de 250\$00 — pedindo anonimato. Mais 100\$00 do assinante 11040 «sufragando a alma de dois entes queridos». Outra vez Lisboa com 100\$00 de «velha Amiga» que nunca falta. Leiria com 200\$00 «até quando Deus permita». Mais Lisboa com 250\$00 pela mão da assinante 1265. Por fim, donativo de um bom Amigo da Rua Nossa Senhora do Leite — Braga.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Benguela

UM PEDIDO — Em nossa Casa, o desporto foi sempre uma das melhores ocupações dos nossos rapazes. Praticaram-se, como sempre, várias modalidades desportivas, mas a que comportou sempre maior número de praticantes foi e continua a ser o futebol, que até é considerado o desporto-rei.

Depois de várias gerações terem passado pela nossa Casa, conseguimos obter um bom número de jogadores bem qualificados. Então nasceu em nós o sonho de organizar uma equipa de futebol que tivesse o nosso nome e que fosse capaz de competir com outras equipas, e até se possível fosse disputar o Campeonato Nacional. O nosso sonho tornou-se

realidade. E assim surgiu o *Grupo Desportivo CASA DO GAIATO*. Mas, como era de prever — e o sonho é sempre maior que a obra — estamos com dificuldades para arranjar o nosso equipamento. E sem equipamento não há desporto.

Por ter sido uma iniciativa dos nossos rapazes, isto tem muitíssimo valor para nós e achamo-nos no dever de contribuir para que a mesma se realize. Gostaríamos imenso que o nosso sonho ganhasse raízes, se fortificasse e desse frutos em abundância, pois é este o desejo de todos nós. Mas tudo isto só se consegue com a boa vontade de todos em colaborarem connosco. Desejamos que contribuam, se possível, no arranjo de botas, camisolas, meias, etc.

Estendemos este nosso apelo a todos os que de uma maneira geral se sentem mais ligados a nós.

David Eduardo

Paço de Sousa

INSTRUMENTOS MUSICAIS — De Jazente recebemos 500\$00 «para pagar o conserto de instrumentos».

Um «leitor do nosso jornal», assim assim, desconhecemos a sua terra, envia 50\$00.

Vilar Formoso também está atento. E de lá, uma leitora envia 500\$00 «para ajudar a comprar a aparelhagem para os vossos músicos. Muito mais vos queria mandar mas creiam que realmente não posso».

O assinante 11091 manda 500\$00 na certeza de outras ajudas.

Há dias em que não recebemos nada, mas eu penso que se cada leitor mandasse 20\$00 já teríamos verba para conseguirmos aquilo em que estamos empenhados.

Um obrigado a todos!

CONVIVIO — No sábado, 21 de Abril, os nossos amigos trabalhadores da CINCA vieram até nós para que, em conjunto, pudéssemos passar um dia agradável.

Por volta das 12 horas foi a Missa em nossa Capela, acompanhada pelo nosso grupo coral.

Em seguida o almoço e cada qual procurou saciar o apetite como melhor lhe aprovou.

Espectáculo de variedades não faltou e quase toda a nossa malta esteve presente. Cantaram-se algumas canções e as mais populares eram acompanhadas com palavras e ânimo geral.

Logo a seguir disputou-se um encontro de futebol entre a nossa equipa e a dos trabalhadores da CINCA.

Vencemos 5-1.

Os mais pequenitos não se cansavam de repetir os já célebres pregoes: «anda lá gaiato, anda lá p'ra frente, marca mais um golo pr'animar a gente».

O apetite tornou a apertar e então dirigimo-nos ao nosso refeitório, nós e eles, para saborearmos a deliciosa merenda que quiseram partilhar connosco.

Houve da nossa parte uma falha, e mais concretamente da parte dos mais pequenos, que parecia nunca terem visto bolos à sua frente! Mas isto temos de compreender pois são pequenos...

Todos estes tempos foram filmados para recordação dos nossos amigos da CINCA.

Queria agradecer em nome de toda a Comunidade de Paço de Sousa o convívio tão alegre, tão cheio de significado, que nos quiseram proporcionar.

E dizer-vos que temos esperança que voltareis cá depois da nossa ida aí no próximo Natal.

Um obrigado, em especial ao sr. Engenheiro Jorge Albano que foi quem mais proporcionou este convívio.

EMÍLIO — A música tem andado em grande plano.

Desta feita o nosso amigo Emílio anda bastante entusiasmado com as castanholas, mas, como as não tem, arranjou dois bocaditos de tábua e lá vai dando um jeito nessa coisada.

O Júlio Mendes até já lhe pôs a alcunha de «Cara alegre», visto ele

ser um rapaz vivaço e sempre bem disposto. É mesmo um «Cara alegre»!

Quem, por acaso, tiver umas castanholas e queira oferecer ao nosso amigo Emílio, agradecemos. Ou então quem tiver por aí uma serração que queira «mandar» para cá a fim de o Emílio passar as horas de recreio a serrar troncos para fazer castanholas, igualmente agradecemos.

ANIVERSÁRIO — No dia 23 de Abril fez 20 anos o nosso chefe-maioral, o «Eusébio».

Nós quisemos fazer-lhe uma festa simples, visto que os padrinhos dele também vieram cá almoçar connosco.

A comida estava boa e a animação no refeitório dava a entender um dia de festa.

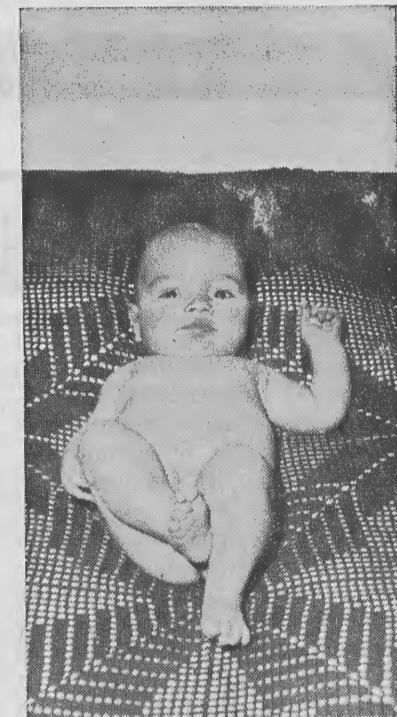
No final da refeição cantámos-lhe os parabéns.

O «Eusébio» é o nosso chefe e enquanto nós temos o fim-de-semana livre, ele que trabalha todo o dia e estuda à noite, ainda tem que zelar nos fins-de-semana pela vida quotidiana da nossa Casa.

Tem sido bem duro e difícil para

ele o cargo do qual nós encarregámos o «Eusébio».

«Marcelino»



O filho do Cicero e da Idalina

Do que nós necessitamos

Quinhentos escudos do Porto, na passagem do 28.º aniversário de casamento, dum casal amigo. Dez contos para a offset. José e Clara Flores, com duas presenças de 70\$. Em sufrágio de Ana da Conceição, 3x50\$. Da Avenida Camilo, 100\$ mais 100\$ da Amadora. 500\$ do Ass. 13519. 500\$ de Espinho. De «uma Mãe de Matosinhos», 400\$ em memória de seu filho Rogério. 500\$ de Maria João. De Maria da Conceição, 100\$ por alma dos colegas falecidos dos T. L. P. «Para que a tranquilidade volte à minha casa», 100\$ de Lisboa. Deus permita que tal aconteça. Seis latas de concentrado de tomate, da gente amiga da S A I P O L. E material de consultório, que nos trouxe o senhor Abade de Sardoura.

Da avózinha da Praça da Alegria, 1.200\$. O donativo e a habitual legenda: «A promessa que a minha gratidão não esquece», com 100\$ e 200\$. De Lisboa, 100\$. De Mimosa Faria, por intenção de todos os colegas, 100\$. «Uma alentejana» com 2.000\$, a dividir por esta Casa e Calvário. Da Ana, 100\$ do seu primeiro ordenado. Cinco contos da Av. João XXI. Por alma de António Mafra, 820\$. E Mesão Frio com 200\$, pedindo orações. Amigo de Gaia, com suas migalhinhas e sempre uma palavra de humor. 100\$ de Lisboa. Vale de 800\$, para as amêndoas. 100\$ da Nazaré. 5.000\$ da Covilhã. Mais 50\$ da Ana. Da Figueira da Foz, os 250\$ mensais. Vale de 10 contos, de Lisboa. Assinante de Rio Tinto com 700\$. E oxalá que o Fernando já se

encontre bem. Das costureiras do Hospital de Santo António, o muito amor que põem nas migalhinhas que nos enviam: 1.540\$.

A presença sempre estimada da Avó de Moscavide com 100\$. Viajante do Porto, com 1.200\$. E nota de mil, dentro dum sobreescrito e mais nada. Da Ponte da Pedra, 5.750\$. Roupas de Lisboa. Do Centro Vidreiro do Norte de Portugal, em Oliveira de Azemeis, artigos de vidro que nos fazem muito jeito. 100\$ de Ermesinde. 2.000\$ de Lisboa. Ass. 13226 com 5.300\$. De Abrantes, 500\$. Margarida com 4.000\$. Amiga do Henrique com 1.712\$. 50. Vários donativos entregues no Lar do Porto. 5.000\$ de Coimbra. 100\$ por alma de Isabel Andrade. 3.000\$ de Lisboa, a dividir pelas outras Casas do Gaiato. Mais 10 pares de calças, de Benedito Barros, Lda.

Por intermédio do Pároco de Alfena, 3.000\$ de «um casal amigo». Uma avó de Coimbra com 100\$, por uma graça recebida. 100\$ de Rosa. «Velha assinante» do Monte do Estoril com 100\$. Da Calçada da Estrela, 150\$. Duma promessa, 1.000\$ de Ovar. 500\$ de M. G., de Leiria. Quatro contos do Porto. 500\$ de Valongo, destinados aos necessitados da zona ribeirinha, vítimas das inundações. Fizemo-los chegar através da Caritas Diocesana. 600\$ de Tondela. Pela saúde de Gracinda das Dores, 10 francos suíços. 500\$ do Porto. E 50\$ de Sertã. Novamente 600\$ da Invicta. Da menina Maria Alberta, 400\$. Dum casal

de retornados 15 dólares. Por alma de Silvério e António, 1.000\$ de Vagos. 2.000\$ de Aveiro. Amiga de Cinfães com 1.000\$. «Em memória da minha querida filha, que tanto amou essa Obra», 100\$. Cheque de 36.000\$, de assinante de Lordelo.

Médico de Carvalhal com 1.000\$, pedindo uma oração por um «doente de corpo e alma». Anónima de Espinho, com 200\$ e um embrulho. Da Electricidade de Portugal, em Santa Catarina, 150\$. Cheque de 4 contos, de Lisboa. 1.000\$ da Rua Sá da Bandeira. E 500\$ de Belazaima. Dos funcionários da Direcção-Geral da Marinha de Comércio 436\$ por duas vezes. Leiria com 1.000\$, de promessa. 100\$ de Avintes. Ass. 24869 com 50\$. Celeste com 200\$. Amigo do Fundão com três presenças de 250\$. Mais 500\$ de Lisboa. Vale de dez contos de professora de Espinho, que vive os nossos problemas e as nossas alegrias. 4.000\$, em memória da que foi muito devotada amiga da Obra da Rua, D. Liisa Villumäe, estoniana.

Dois irmãos, um de 5 e outro de 7 anos, lembraram-se dessa Casa, no dia seu aniversário, com 100\$. O Senhor os guarde. Mais 500\$ por alma de Maria Joaquina. Roupas de Oliveira de Azeméis e muita delicadeza. Da viúva de Manuel Pereira da Costa, 1.000\$ e seis chávenas para chá. Para as filhas da ass. 10.737, dizemos



Notas do Tempo

Vinte e cinco de Abril — Festa do Evangelista S. Marcos.

A primeira Leitura, da 1.ª Carta de S. Pedro (Cap. V/5b-11) é um programa magnífico, dirigido aos homens de todos os lugares e de todos os tempos:

«Insinuai a todos a humildade recíproca, porque Deus resiste aos soberbos; porém aos humildes dá a Sua graça. Humilhai-vos, pois, sob a poderosa mão de Deus, para que Ele vos exalte no tempo da Sua visitaçāo — projectando Ele toda a vossa solicitude, porque a Ele pertence o cuidado de vós.

Sede sōbrios e vigiai, porque o vosso adversário, o demónio, cerca-vos como um leão rugindo em busca de quem devorar. Resisti-lhe firmes na fé, sabendo que a mesma tribulação, partilhada pelos que estão no mundo, é o nascer (o fieri) da vossa fraternidade. E o Deus de toda a graça que nos chamou à Sua glória eterna em Cristo Jesus, Ele próprio, depois de termos padecido um pouco, nos aperfeiçoará, nos confirmará e fortificará. A Ele, glória e poder, pelos séculos dos séculos. Amen.»

Toda a primeira carta de S. Pedro é revelação do plano de Deus a respeito do Homem, do Homem ser social e vivendo em sociedade; e do modo como realizar esse plano: «Cingi os rins do vosso espírito (isto é: dominai os ímpetos da vontade e dos instintos), sede vigilantes e colocai a vossa esperança na graça que vos será dada ao mergulhantes na

revelação de Jesus Cristo» — «vós, que outrora não éreis povo e agora sois o Povo de Deus; vós, que antes não tinheis alcançado misericórdia e agora a alcançastes».

O capítulo V, a que pertence o excerto escolhido para a Festa do Evangelista, é todo ele uma exortação aos mais velhos, àqueles a quem foi confiado o governo do Povo, para que «veletem por ele, não constrangidos, mas providentes; não movidos por torpe intenção de lucro (ou de glória, ou de poder), mas voluntariamente, por dedicação; não como dominadores dos súbditos, mas procurando com toda a alma tornar-se modelo para eles».

Por isso, «insinuai a Humildade» — mas sede, antes de

mais, humildes. «Projectai sobre Deus a vossa solicitude do Povo» — e projectai sobre ele a confiança que vos enche. «Sede sōbrios e vigiai» — para que os cidadãos o sejam e se não deixem adormecer. E acreditai que «a tribulação» que tem origem na nossa fraqueza e pequenez, «partilhada por todos que vivem neste mundo», é um fundamento muito sério da igualdade essencial dos homens e fonte universal do dinamismo gerador da fraternidade entre eles.

Eis um programa verdadeiramente democrático que envolve governantes e governados — uns e outros solidários na realização de um plano, cujas modalidades concretas a todos compete procurar, mas

que jamais será, ou será válido, sem um espírito comum que o anime.

A justiça, a prosperidade, a paz — ou começa a inteligência a construir-las no coração de cada homem em esforço partilhado por todos, esforço que os unirá por vínculo de autêntica fraternidade, ou jamais serão realidade a temperar a vida do Homem em sociedade, a encaminhá-lo para estádios em que elas venham a ser património por todos possuído.

No dilúvio de palavras que nos afogam, talvez esta sóbria palavra de S. Pedro, ouvida e meditada, fosse um princípio do mundo novo e melhor que todos querem e se não tem visto ser mais que nova Torre de Babel.

«Que o Deus de toda a graça, depois de termos padecido um pouco... ameaçador de muito, «nos aperfeiçoe, confirme e fortifique. Amen.»

Padre Carlos

AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

um estado de espírito negativo, de acentuada descrença, e com as consequências mais deletérias, até no aspecto de produtividade deste País.

Deve aqui assinalar-se também o escândalo das baixas fraudulentas. Há quem pergunta ao doente (?) quantos dias de baixa quer. Às vezes volta-se à Caixa para pedir mais dias. A fiscalização, onde existe, é precária ou totalmente ineficaz. É impossível, como as coisas estão, que qualquer esquema de previdência possa aguentar com os encargos inerentes. Dá-se baixa porque se está de greve ou se arranjou outro emprego ou é preciso tratar de outras actividades.

Não há muitos dias, encontrámos alguém que ia dar baixa porque a empresa onde trabalhava falira e «é preciso tirar o nosso». Neste aspecto, então, tudo parece estar a saque. Com o desemprego e outras dificuldades da hora presente o recurso às baixas fraudulentas tornou-se lugar comum. Os oportunistas servem-se dos expedientes mais capciosos e as Caixas vêm-se assim transformadas em verdadeiros locais de assalto ou em distribuidores de esmolas. E, por mais respeito que nos mereçam as situações trágicas de muita gente, as Caixas não foram criadas para isso.

Em reservas morais, vamos trabalhando para preparação de alguns que possam ajudar os que vão vindo. Nas Casas do Gaiato os mais velhos têm a missão de encaminhar os mais novos. E digo encaminhar, por quanto procuramos ser uma família e não um albergue ou coisa parecida. Um conquistador tem o dever de conquistar.

Temos mais um colega! Tomamos o sabor desta frase e ajudemos a temperá-la.

Logo de manhã cedo, este domingo, chegou uma excursão. São os «Ídolos da Praça» — disse-me uma moça. Vieram passar o dia connosco. Jovens com jovens num abraço. Eu não sei quem são os organizadores do Grupo Juvenil. De qualquer maneira há empenho e trabalho no sentido de recrear estes jovens. Pois, sim senhor. Os homens que organizam e lidam assim com eles podem fazer muito por eles.

Passaram o dia com os nossos em modalidades recreativas. Trouxeram e levaram muita alegria e respiraram do ar puro da nossa Casa. Eu creio que houve quem lhes dissesse com verdade o que é a Casa do Gaiato. Foram ao sol-posto. Deixaram coisas próximas nossas.

Vivam os «Ídolos» e que outros venham conviver connosco.

● O nosso pequeno Luís tem 11 anos. De aspecto, porém, ninguém lhe dará mais de 7 ou 8. De outros seus dramas não queremos falar, que muitos são e de monta. Referiremos apenas que sofre de insuficiência cardíaca e que, logo à chegada, foi enviado a um dos mais importantes centros de cardiologia do País, se não o maior. Ficou de ser chamado para ser operado, em 6 de Maio do ano passado, tendo lá voltado por nossa iniciativa. Até agora nada recebemos. Só fazemos votos que, quando o chamarem, ainda o encontrem vivo e susceptível de intervenção adequada. Isto passa-se, claro, com o Luís Albufeira, na capital. Se tivesse dimheiro seria assim?

● Inaugurada uma casa e tendo outra quase pronta, vamos voltar-nos para a lavandaria, peça indispensável ao serviço dum Comunidade de mais de cem pessoas. Com a mesma fé de sempre, que não admite dúvidas ou hesitações, seguiremos para a frente. A lavandaria, que custará mais de quinhentos contos, será uma realidade, temos a certeza. Como e quando será possível é problema que não importa agora considerar. Será possível com a ajuda do nosso trabalho e da vossa participação, isso é que sabemos. O resto é com o nosso «Gestor de negócios», sempre infalível nas Suas respostas. E pronto, a lavandaria será!

(Casa do Gaiato de Lisboa — S. Antão do Tojal — Loures)

Padre Luiz

SETÚBAL

● «Já temos mais um colega» — diz-me o Zeca. Eu quis saber do que se tratava e foi então que comprehendi: Foi outro que chegou. É de Moscavide. Muitos daquela zona lisboeta precisam das Casas do Gaiato.

O Zeca diz bem: «Já temos mais um colega». Este colega poderia querer dizer irmão.

Muitos colegas não vêm enquanto não tivermos condições para os ter.

E digo condições, referindo-

-me a um ambiente que eles possam ter em reservas materiais e morais.

Andamos com obras a preparar aquilo a que eu dou o nome de casa-mãe. É a zona dos mais pequenos e das senhoras. Andamos nos acabamentos. Tem levado muito tempo por termos que acudir aqui e ali. Só temos um pedreiro e um carpinteiro.

Em reservas morais, vamos trabalhando para preparação de alguns que possam ajudar os que vão vindo. Nas Casas do Gaiato os mais velhos têm a missão de encaminhar os mais novos. E digo encaminhar, por quanto procuramos ser uma família e não um albergue ou coisa parecida. Um conquistador tem o dever de conquistar.

Temos mais um colega! Tomamos o sabor desta frase e ajudemos a temperá-la.

● Logo de manhã cedo, este domingo, chegou uma excursão. São os «Ídolos da Praça» — disse-me uma moça. Vieram passar o dia connosco. Jovens com jovens num abraço. Eu não sei quem são os organizadores do Grupo Juvenil. De qualquer maneira há empenho e trabalho no sentido de recrear estes jovens. Pois, sim senhor. Os homens que organizam e lidam assim com eles podem fazer muito por eles.

Passaram o dia com os nossos em modalidades recreativas. Trouxeram e levaram muita alegria e respiraram do ar puro da nossa Casa. Eu creio que houve quem lhes dissesse com verdade o que é a Casa do Gaiato. Foram ao sol-posto. Deixaram coisas próximas nossas.

Vivam os «Ídolos» e que outros venham conviver connosco.

Cont. da 1.ª pág.

ainda para reconstruir uma moradia — que resolveu «pisar o risco». De quem é a culpa?

Para estes casos, se os Serviços camarários não têm possibilidades de dar a mão pelos regulamentos e assistência técnica — que não têm — compete ao Estado, pelo articulado constitucional, apoiar a Auto-construção. Porque não mobi-

lizam os GAT (Grupos de Apoio Técnico) também para estas acções, já credenciados, recentemente, por abalizados técnicos europeus?

Mas os GAT, que, há dois anos, prestam tão bons serviços a várias edilidades e outros organismos oficiais, ainda são um sector não institucionalizado! Parece impossível!

Júlio Mendes

Auto-construção

Manuel Pinto

Ernesto Pinto

Novos Assinantes de «O GAIATO»

Esta procissão é uma coisa muito séria. Passaram, agora, pelas nossas mãos, mais de 400 novos assinantes de O GAIATO!

Vamos ter de resumir. Mas não omitiremos uma ou outra presença mais expressiva.

Um Jovem de Lisboa:

«Os meus pais tiveram o extraordinário privilégio de terem conhecido pessoalmente o Padre Américo.

A admiração profunda por ele e pela sua Obra é, naturalmente, «património familiar».

Possuímos toda a obra publicada do Padre Américo e somos assinantes de O GAIATO desde o número um.

Sobretudo graças a minha mãe, aprendi a admirar o exemplo estrondoso de cristianismo desanuviado, aberto, corajoso, confiante, pedagógicamente moderníssimo, coerentemente (não temos medo da palavra) progressista, sólido na fé e por isso livre e compreensivo, mostrando a «largueza do Reino de Deus», e aberto aos «sinais dos tempos», do Padre Américo, indo até ao fundo pelos Outros.

E aprendi a apreciar, apesar de uma ou outra fraqueza, uma ou outra discordância, o papel

único na nossa imprensa de O GAIATO.

Tendo começado a trabalhar (e a ganhar alguma coisa), era lógico fazer uma assinatura (anual) de O GAIATO, que pode ser a partir de Março.»

Outro Jovem, dos arredores da capital:

«O nosso contacto com a Obra da Rua já vem desde o tempo de Liceu, em que uma semana passada em uma das vossas Casas foi uma marca importante para a minha vida futura.

De então para cá compramos esporadicamente O GAIATO, quando encontramos os seus vendedores. Para suprir esta falta, queremos fazer a nossa assinatura do jornal para o ano de 1978.»

Um postal de Monte Gordo esclarece «que o pedido para três assinantes que fiz ontem é para meninos de 7 e 10 anos e que os pais são empregados nos hotéis e pediram para mandar em nome dos filhos».

Além dos pais, os avós seguem linha idêntica — como quem transmite o facho na melhor oportunidade.

Alguns Retornados voltam ao nosso convívio. Ouçam um deles, em Coimbra:

«Fui assinante de O GAIATO, durante vários anos, em Angola. Depois... foi o que se sabe! Tenho comprado o jornal à porta da igreja, mas é mais certo como assinante.

Vi nascer a Casa do Gaiato de Malanje! Não tenho palavras para descrever o que foi o trabalho do Padre Telmo e dos seus companheiros. Quando vêm notícias de lá... é a primeira parte que leio. Assim como de Benguela, embora não conheça a Obra dali.

Creio que é um grande milagre conseguirem lá continuar.»

Como é óbvio, alguns leitores-avulso que não topam regularmente os nossos Rapazes, decidem — e muito bem — inscreverem-se como assinantes: «Nem sempre o vejo à venda», queixa-se uma leitora de Espinho.

Damos, ainda, merecido relevo aos resultados da festa promovida pelos nossos «Batatinhas» em Castro Daire: 26 novos assinantes. Tão interessados que pediram O GAIATO na volta do correio.

Além do que já foi dito, assinalamos presenças individuais e em grupo de Porto, Lisboa, Setúbal e Coimbra — um ror deles! Mais Guifões (Matosinhos), Amarante, Abadia (Leiria), Lamarosa, Bragança, Vouzela, Santo António dos Cavaleiros, Amadora, Queluz, Funchal, Rebordosa, Baltar, Paço de Arcos, Meinedo (Lousada), Aveiro, Alfragide, S. Romão (Serra da Estrela), Ermesinde, Santarém, V. N. Gaia, Gondomar, Frossos (Angeja), Baguim, Caranguejeira, Braga,

Rio Tinto, Espinho, Fafe, Azambuja, Adopisco do Sul, Turcifal (Torres Vedras), Alenquer, Odivelas, Figueira de Castelo Rodrigo, Portalegre, Torres Vedras, Rio Maior, Lazarim (Caparica), Póvoa de Santo Adrião, Sertã, Cacia, Resende, Ossela (Oliveira de Azeméis), Vila Nova de Famalicão, Entroncamento, Cova da Piedade, Mem Martins, Guimarães, Régua, Alféla (Anadia), Loures, Sintra, Monte Gordo, Estoril, S. Roque do Faial (Madeira), Loredelo (Douro), Campo de Besteiros, Nova Oeiras, Agualva (Cacém), Tomar, Albergaria-a-Velha, Aguada de Baixo, Viana do Castelo, Palmela, Alcâcer do Sal, Caminha (Minho),

Caramulo, Albufeira, Elvas, Barreiro, Lanhezes, Mouquim (V. N. Famalicão), Ardegaes (Maia), Lodares (Lousada), Lagos, S. Pedro do Sul, Arruda dos Vinhos, Valongo, Parede, Almada, Praia do Ribatejo, Figueira da Foz, Seia, Algueirão, Vila Real, S. Martinho de S. Mamede, Faro, Vila Franca de Xira, Aguiar da Beira, Bucelas, Gulpilhares (Gaia), Nisa, Mercês (Sintra), Fânzeres (Gondomar), Beja, Maceda (Ovar), Lousã, Porto de Mós.

Do estrangeiro: Philadelphia (USA), Joanesburgo (África do Sul), St. Martin de Vigny (França) e Moenchengladbach (Alemanha).

Júlio Mendes

Partilhando

A Aldeia de Paço de Sousa

construída há mais de trinta anos, apesar do seu aspecto forte, porque todos os edifícios são construídos em pedra, precisa de grandes reparações. Assim é que muitos dos nossos visitantes ficam penalizados ao verem o estado do interior das casas.

Nestes tempos difíceis que atravessamos, em que a subida dos preços dos materiais e da mão de obra tornam o problema das obras um verdadeiro «bico de obra», mesmo assim temos que caminhar em frente. Por isso o poder hoje trazer-vos a notícia de que dentro de dias uma das casas vai entrar em funcionamento, depois de ter sofrido grande restauração, agora pronta a dar acomodamento a novas gerações de rapazes que nela encontrarão aconchego, é sinal de esperança no nosso caminho.

Quisemos trazer até aqui a alegria deste «passo em frente», até porque se é fruto não só de quem por aqui vai gastando a vida, mas também fruto do trabalho e do amor de tantos de vós que não deixais de nos ajudar.

Nesta renovação das casas tem-se procurado, tanto quanto possível, dar-lhes o ambiente de um lar, aproveitando o melhor possível aquilo que nos vão dando. O conforto que conseguimos vem dos azulejos e mosaicos dados por quem os fabrica, todas as colchas feitas de retalhos, de uma fábrica; cortinas oferecidas por outra; todas as coisas das casas de banho pagas também com o nosso obrigado, etc... etc... Nós não podemos, pois, viver sózinhos esta alegria porque como dizemos atrás, ela é resultado da presença amiga de muitos corações que estão profundamente presentes na nossa vida.

Assim como o ódio gera a destruição, o amor gera a construção e esta é muito necessária neste mundo que tem sobre ele tantos homens sem o necessário para levar uma vida digna, desenvolvendo as suas qualidades humanas que são dom de Deus.

Gostaríamos, pois, ao dar a notícia que nos levou a escrever, trazer com ela um grito que a todos nos alertasse para a realidade por todos nós conhecida, mas nunca suficientemente assimilada, de que o homem se realiza pelo amor e pela fraternidade e que fora desse caminho se desumaniza.

Voltando ao assunto de que vinharmos falando, o que neste momento está feito não nos tira a preocupação nem a urgência do que falta fazer. Vamos continuar, pois Deus está connosco e vós não deixareis de manter a vossa presença na reconstrução da nossa Aldeia.

Padre Carlos

Padre Abel

UMA VISITA

Um casal e a Avozinha que há muitos anos recebe em sua casa os vendedores de O GAIATO em Espinho, saíram daqui há pouco.

«Riera» é o actual vendedor. Tem carradas de razões ancestrais para ser o Rapaz difícil que tem sido. E agora, a caminho dos 16 anos, atravessa o «cabo das tormentas» que todos nós conhecemos nesta idade.

Têm surgido problemas pelos quais houve de ser castigado duas vezes em pouco mais de um mês. Sua anfitriã nota. Aliás, já vinha notando o seu comportamento menos certo, que o próprio evidencia em incapacidade de olhar de frente, em desvios de diálogo, em meias-verdades que vão saindo aos poucos. Mãe, Avó e velha Amiga dos gaiatos que é, doente, procura desemaranhar enredos e aconselha o bem. Mas surge o segundo castigo e ela por aí flora, aproveitando boleia do casal seu amigo e nosso amigo, a esclarecer-se e a esclarecer. Ele regressou ontem à tarde de Espinho. Ela aqui estava no fim desta manhã.

Oh bondade que Deus nos dá! Tantos dons em que Ele é prodígio! Mas, desta natureza são os mais sublimes! Tivéssemos

nós em cada terra, em cada lugar por onde os Rapazes correm o risco da sua fraqueza perante a tentação de tanta coisa supérflua ou má com que o mundo os rasteira; tivessem eles o olhar atento e a mão oportunamente lhes quer — como seriam libertos de ilusões e erros em que às vezes caem!

Chamei o «Riera». Procurei que compreendesse a grandeza do gesto e o amor que o moveu, de que ele, «Riera», é o alvo.

Não sei se ele é capaz de entender já. Mas, com a aliança tão poderosa que contamos em Espinho, espero que há-de ser. E se há-de dispor corajosamente à luta sobre si, contra todos os obstáculos que o estorvem de ser um homem.

Padre Carlos

Director: Padre Carlos

Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Tel. 95285

Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa



FESTAS

Cont. da 1.ª pág.

muitos, a Festa dos gaiatos é o espectáculo do ano! Saboreamos a amizade de que este lantumirar vem impregnado e temos pena. O ano que vem, se Deus quiser, todos serão ser-

Padre Carlos

ZONA CENTRO

8 de Maio — Teatro-Cine COVILHÃ
9 " " — Cinema Gardunha — FUNDÃO
10 " " — Cine-Teatro Avenida
CASTELO BRANCO
15 " " — Teatro do Grande Casino Peninsular — FIGUEIRA DA FOZ
Bilhetes à venda na TULMAR
17 " " — Cine-Teatro de TOMAR
21 " " — Teatro Alves Coelho
ARGANIL
27 " " — Salão dos Bombeiros
CANTANHEDE
2 de Junho — Teatro de ANADIA
9 " " — Cine-Teatro IMPÉRIO
LOUSÃ

ZONA SUL

28 de Maio — Monumental — LISBOA

às 11 h. da manhã

Bilhetes à venda:

Monteiro Geral, Rua do Carmo, 62-2.º, Tel. 323001; Franco Gravador, Rua da Vitória, 40, Tel. 361406; Maison Louvre, Rossio, 106, Tel. 328619; Ourivesaria 13, Rua da Palma, Tel. 861939; Lar do Gaiato, Rua Ricardo Espírito Santo, 8/r/c D., Tel. 666333.